

OS RISCOS DA PERESTROIKA

Luiz Carlos Bresser-Pereira

IstoÉ-Senhor, 14.09.1988

Fui à União Soviética participar de um seminário sobre a Segurança Econômica Internacional patrocinado pela revista *South*, e durante a semana que permaneci em Moscou procurei me informar o mais possível sobre a perestroika, a grande reestruturação da economia soviética que Gorbachev está iniciando. Perestroika significa reestruturação, mas na verdade, em conjunto com a glasnost, com a liberalização política e cultural, representar, caso levada a cabo, a grande revolução ocorrida no mundo na segunda metade do século XX.

A revolução socialista de 1917, que marcou toda a primeira metade do século XX, foi prematura, e acabou se reduzindo a uma revolução estatista ou tecnoburocrática. Revelou-se, nos seus primeiros cinquenta anos, uma estratégia eficiente de industrialização e de distribuição de renda às custas de uma enorme repressão política exercida por uma classe dominante de tecnoburocratas, cujos privilégios econômicos são pequenos, mas cujo poder político e administrativo é imenso. Ao invés de socialismo o que temos na União Soviética é o estatismo; ao invés de uma sociedade sem classes, uma sociedade dividida em duas classes - os trabalhadores e a tecnoburocracia -, embora a clivagem entre essas classes seja muito menos clara do que a existente entre a burguesia e os trabalhadores no capitalismo.

Uma das características básicas do estatismo é a desconsideração das leis do mercado, é a não observância da lei do valor no processo de planejamento econômico. A coordenação da econômica é feita pelo plano ao invés de sê-lo pelo sistema de preços, os quais freqüentemente se afastam fortemente de seus valores. Quando visitei a União Soviética pela primeira vez, em 1979, tive uma entrevista com o Ministro dos Preços e pude observar com clareza esse fenômeno. Apesar dos protestos dos economistas soviéticos, que desejavam que os preços correspondessem aos valores-trabalho, o que tínhamos na verdade era um complexo sistema de subsídios, principalmente aos bens de consumo, que distorcia a alocação de recursos, tornando ineficiente a produção. Some-se a isto a falta de estímulo ao desenvolvimento tecnológico e à melhoria da qualidade da produção, já que as empresas eram avaliadas

pelo atingimento de metas quantitativas, e teremos as bases de um sistema que caminharia, mais cedo ou mais tarde, para taxas de crescimento muito baixas.

É contra essas práticas que se levanta Gorbachev com sua perestroika. A idéia básica é abandonar o estatismo e instituir um socialismo de mercado, em que a coordenação da economia será feita pelo sistema de preços e por um planejamento meramente indicativo. A concorrência deverá generalizar-se não apenas internamente entre as empresas, mas a nível internacional, através do aumento dos coeficientes de importação e exportação.

Os riscos que Gorbachev e de seu principal assessor econômico, Aganbengyan, com quem conversei longamente duas vezes, são muito grandes, e as resistências que terão que enfrentar, enormes. Para estabelecer o controle pelo mercado será necessário eliminar os subsídios e dar às empresas certa liberdade de marcar seus preços. Ora, teremos aí dois fatores inflacionários poderosos. Por outro lado as empresas deverão ter liberdade para despedir seus empregados, o que significará desemprego.

Por isso as resistências não vêm apenas da tecnoburocracia, cujo poder está sendo ameaçado. Têm origem também no povo, que, se de um lado aspira maior liberdade e maior progresso material, sabe que o razoável padrão de vida e a enorme segurança garantidos pelo atual sistema estão arriscados pelas reformas.

Gorbachev e sua equipe, entretanto, parecem ter a visão e a coragem necessárias. Estão determinados a levar adiante a perestroika e a glasnost apesar dos riscos e das resistências. Quem sabe chegarão assim a uma forma de socialismo democrático.